

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
Independências nos Arquivos Italianos
8 de Outubro de 2024

PORTOGALLO: PAESE TRANQUILLO / 1969

Realização: Joaquin Jordá Produção: MPLA Cópia: digital (a partir de original em película), preto-e-branco, falada em italiano e legendas electrónicas em português, 36 minutos.

MADINA BOE / 1969

Realização: José Massip Produção: Instituto Cubano de Arte e Indústria Cinematográfica (Cuba, 1969) Cópia: digital (a partir de original em película), preto-e-branco, versão original falada em castelhano, português, línguas indígenas com legendas em italiano e legendas electrónicas em português, 37 minutos.

DIECI GIORNI CON I GUERRIGLIERI DEL MOZAMBICO LIBERO / 1972

Realização: Franco Cigarini Cópia: digital (a partir de original em película), preto-e-branco, falada em italiano e legendas electrónicas em português, 24 minutos.

Portogallo: Paese Tranquillo, que como as imagens mostram captura uma espécie de slogan destinado a atrair a atenção turística (não sendo, por isso, preciso mais nada para confirmar a ironia contida no título), foi uma encomenda do MPLA ao cineasta catalão Joaquin Jordá, e tinha por objectivo chamar a atenção internacional para a situação política de Portugal numa altura em que a guerra colonial (ou as guerras coloniais) já tinham quase uma década, e faltavam ainda cinco longos anos para 1974. O filme apresenta Portugal de forma bastante pedagógica, às vezes à beira do cliché (turístico, justamente), como quando o descreve como um “país de camponeses e pescadores”, que soa a actualização neo-realista do velho cliché do “país de navegadores”. O interesse é exclusivamente documental, e nessa medida inestimável, até pelas imagens de figuras da oposição, umas bem conhecidas (Mário Soares, Manuel Alegre), outras mantidas no anonimato para sua protecção (e com um risco nos rostos a esconder as feições). Foi rodado clandestinamente, ou quase, já que a autorização que Jordá pediu foi para fazer um filme sobre as chaminés de Portugal... Dessa estadia recordou-se Jordá muitos anos depois: “viajar em Portugal dava a sensação de se estar em Espanha dez anos antes; era um país tristíssimo mas com uma atmosfera particular que o tornava agradável”.

L.M.O.

Produzido pelo Instituto Cubano de Arte e Indústria Cinematográfica, Madina Boé regista, por sua vez, a crua violência de um traumático episódio da guerra em Madina,

no Boé, bem como a educação política dos combatentes ou técnicas de guerrilha, integrando uma rara entrevista de Amílcar Cabral. Denunciando o elemento explorador – notou Francisco Valente por ocasião de uma projecção de 2016, na Cinemateca –, o filme realizado pelo cubano José Massip apresenta a narrativa do explorado num momento de re-começo da história do país a partir do território a que vai buscar o nome. É, aliás, pela referência precisa do território e das suas características que se começa, em direcção ao coração dessas outras trevas. Logo dando, no entanto, sinal de claridade na narração off de tom espanhol: “um dia irrigaremos Boé e Boé terá uma agricultura florescente [...]”. Não era ainda o tempo: “Na aldeia de Madina, no centro de Boé, o inimigo tem uma base poderosa. Atacamos essa base para que o inimigo não respire em paz, se vá embora para sempre e nos deixe o nosso país que é apenas nosso.”

M.J.M.

Dieci giorni con i guerriglieri nel Mozambico libero é outro documento histórico de valor inestimável para estudiosos da guerra colonial e dos movimentos anti-coloniais nos futuros países africanos de expressão. Franco Cigarini (1924-1982), documentarista italiano com uma vasta obra assente primordialmente em temas políticos, acompanhou uma delegação oficial italiana que teve acesso, e visitou, a base central da Frelimo numa zona de Moçambique sob seu controlo (e daí que o título fale de um “Moçambique livre”, o que não significava, em 1972, um Moçambique formalmente independente, até porque a guerra continuava). E a preparação para a guerra, a disciplina para a guerra, o dia a dia na base dos “guerriglieri”, os exercícios, os convívios, etc, tudo isto forma o cerne do documento que o filme é, e onde não faltam depoimentos das figuras cimeiras do movimento (como Samora Machel).

Luís Miguel Oliveira